

Exma. Senhora
Dr.^a Marina Gonçalves
Chefe do Gabinete do Senhor Secretário
de Estado dos Assuntos Parlamentares
Palácio de São Bento
1249-068 Lisboa

SUA REFERÊNCIA
Ofício n. 3888

SUA COMUNICAÇÃO DE
12-11-2018

NOSSA REFERÊNCIA

DATA

**ASSUNTO: Pergunta n.º 601/XIII/4.^a, de 12 de novembro de 2018
Paradeiro de golfinhos resgatados**

Em resposta à Pergunta n.º 601/XIII/4.^a, de 12 de novembro de 2018, formulada pelo Senhor Deputado André Silva do Grupo Parlamentar Pessoas-Animais-Natureza (PAN), encarrega-me o Senhor Ministro do Ambiente e da Transição Energética de transmitir o seguinte:

1. Onde se encontram atualmente os golfinhos referidos anteriormente?

Em setembro de 2007, a rede nacional de arrojamentos registou o arrojamento de um exemplar juvenil (“Martinha”) de golfinho-comum na baía de S. Martinho do Porto. O animal apresentava indícios de ter sofrido uma captura accidental em artes de pesca e foi transferido para as instalações do Centro de Reabilitação de Animais Marinhos (CRAM-Q) de Quiaios.

Já em dezembro de 2012, uma fêmea adulta de golfinho-comum arrojada na Praia da Barra, em Aveiro, deu entrada no CRAM-Q, também com indícios de captura accidental por arte de pesca e com claros sinais de miopatia de captura (danos musculares graves provocados pelo facto de ter sido içada pelo pedúnculo caudal durante o evento de captura accidental). Assim que os técnicos do CRAM-Q conseguiram reverter os danos musculares e se asseguraram que a fêmea conseguia nadar livremente sem ajuda ou apoios externos, foi transferida para a mesma piscina onde já se encontrava “Martinha”, numa tentativa de que o animal mais jovem (“Martinha”) aprendesse com a fêmea mais velha (“Barra”) e para que os dois golfinhos pudessem ser libertados em conjunto.

Note-se que o CRAM-Q (atual CRAM-ECOMARE) é um centro de reabilitação de animais marinhos devidamente licenciado pelas autoridades nacionais, com competências nas áreas da conservação da natureza e reabilitação de espécies selvagens (a saber, Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF) e Direção-Geral de Alimentação e Veterinária), com um longo historial de sucesso na reabilitação de animais marinhos, recolhidos ao longo da costa continental portuguesa. Possui um corpo técnico permanente (biólogos, veterinários e enfermeiros-veterinários), com larga experiência no manuseamento e reabilitação de animais marinhos (aves, mamíferos e répteis), e mantém contactos estreitos com especialistas internacionais na área da medicina e reabilitação de mamíferos marinhos, especialmente de cetáceos.

Todo o processo de reabilitação destes dois golfinhos contou sempre com o apoio de especialistas internacionais em medicina e reabilitação de cetáceos, que, sempre que necessário, efetuaram análises químicas e patológicas mais complexas a estes animais e se deslocaram a Portugal para um acompanhamento de maior proximidade.

Infelizmente, a “Barra” nunca recuperou totalmente dos problemas que levaram ao seu arrojamento e, apesar de todos os esforços, acabou por morrer em setembro de 2014.

Desde agosto de 2016, a “Martinha” está nas novas instalações do CRAM-Q (atual CRAM-ECOMARE), para onde foram igualmente transferidos os outros animais em reabilitação e irrecuperáveis existentes no centro.

Nas novas instalações, o golfinho-comum dispõe de um tanque com 1.500 m³ de água, 5 metros de profundidade e 800 m² de superfície, com filtração física, tratamento por UV e ozono, e onde tem acesso a presas livres e um habitat naturalizado. Durante os meses mais frios, normalmente de dezembro e janeiro, a “Martinha” é transferida para uma piscina de menores dimensões (ainda assim com dimensões muito acima do recomendado por *National Marine Fisheries Service, U.S.A.*), onde a temperatura da água é artificialmente mantida a níveis confortáveis.

Não existe, atualmente, nenhuma outra solução realista que possa melhorar ainda mais o bem-estar da “Martinha”.

Efetivamente, e devido aos problemas crónicos recorrentes e periódicos (maioritariamente problemas hepáticos que requerem acompanhamento médico-veterinário em permanência), juntamente com o facto do golfinho “Barra” não ter sobrevivido, uma eventual libertação na natureza nestas condições inviabilizaria a sobrevivência do golfinho “Martinha”, tendo, por isso, sido classificado irrecuperável.

Tanto o CRAM-ECOMARE, como o ICNF, tentaram já encontrar um local adequado que pudesse acolher a “Martinha” e oferecer-lhe todas as condições de bem-estar de que necessita, mas o facto de não existir nenhum outro golfinho-comum em reabilitação, nem equipas com a experiência já adquirida pelos técnicos do CRAM-ECOMARE na reabilitação desta espécie, inviabilizam qualquer transferência deste golfinho para outras instalações ou entidade.

Atualmente, a “Martinha” encontra-se em boas condições físicas e o ICNF mantém toda a confiança na equipa técnica do CRAM-ECOMARE.

2. Caso tenham sido libertados no seu habitat natural, em que data terão sido libertados?

Conforme explanado na resposta à pergunta anterior, nenhum dos golfinhos foi libertado no seu habitat natural.

3. Foram elaborados relatórios conclusivos da sua aptidão para sobreviver no habitat natural?

Conforme referido, o golfinho “Barra” não sobreviveu. Já o golfinho “Martinha” apresenta problemas crónicos recorrentes e periódicos e não foi considerada apta para sobreviver no habitat natural.

Com os melhores cumprimentos, *também pessoais*

A Chefe do Gabinete



Ana Cisa

CG/EA